

UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA SOBRE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO¹

Luiz Teodoro de Melo Junior

Dr. Eleno Marques de Araujo

Resumo: Procurou esclarecer nesta pesquisa a origem e a necessidade da comunicação entre os seres humanos. Como a linguagem surgiu e como ela se tornou uma ferramenta importante para o homem, tanto para sua sobrevivência no estado de natureza como para a convivência em sociedade. Além disso, buscou elucidar como a comunicação mais simples e arcaica serviu de base para constituir a sociedade em suas configurações atuais e para definir o papel do homem como um ser pensante e produtor de cultura. A linguagem e a comunicação foram determinantes para o domínio do homem sobre os demais seres, ainda no estado de natureza. Para atingir os objetivos almejados nesta pesquisa, utilizou-se como recurso metodológico a análise e revisão bibliográfica de obras de Hobbes (1999), Rousseau (1999), Chauí (2012) e Merleau-Ponty (1901 *apud* HUSSERL, 1975). Concluiu-se que a carência de uma forma de expressão da vontade do ser humano, a falta de um modo eficaz de recordação de acontecimentos, a necessidade de separação entre as pessoas e a desigualdade proporcionada pela natureza, estão ligadas tanto à origem da linguagem quanto para o que ela trouxe de benefício para a humanidade.

Palavras-chave: Linguagem. Comunicação. Símbolos. Decodificação.

Introdução

Este breve ensaio está fundamentado, sobretudo, em autores como: Hobbes (1999), *O Leviatã*, Rousseau (1999), *Ensaio sobre a Origem das Línguas* (1999), *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, Marilena Chauí (2012), *Convite a Filosofia*, e Maurice Merleau-Ponty (1901 *apud* HUSSERL, 1975), *Textos Escolhidos*. Estes e outros teóricos estudam a origem da linguagem e as motivações ou necessidades para sua criação. Suas respectivas variações, as formas que foram e são empregadas em diferentes lugares e tempos. Procuraram compreender como a linguagem, sendo uma criação humana, acaba por afetar a humanidade desde os tempos primordiais até os atuais. Como as pessoas interagem por meio dela de forma que usam-na para entender uns aos outros. Até mesmo na desigualdade humana descrita por Rousseau, a linguagem afeta as relações já no estado de natureza.

¹ Artigo produzido como produto final de Bolsa de estudos da Iniciação Científica PIBC–Unifimes no ano de 2016.



A linguagem é um dos artifícios que o ser humano criou, a fim de prolongar a memória de fenômenos e acontecimentos de tempos passados. Usando-a é possível estabelecer a união na sociedade que de muito é dispersa por razões de distâncias, bem como pelas estruturas próprias de cada lugar, que fez surgir uma linguagem específica e diferente da existente em outra região. A linguagem foi decodificada por meio dos sinais gráficos que compõem as palavras. Dessa forma, uma língua pode ser simples e fazer uso de poucos caracteres ou ser complexa de fazer uso de muitos deles.

Autores chegam a atribuir ao próprio Deus a autoria da linguagem. Hobbes, por exemplo, justifica que o primeiro autor da linguagem foi Deus, que ensinou a Adão uma maneira de designar as criaturas que colocava a sua vista. Comenius (2001) também sustenta que o ato de racionalidade humana consiste em poder nomear os seres criados por Deus, utilizando-se da linguagem que lhe é própria. Benjamim (2013), por sua vez, escreve que através do ato de nomear as criaturas, Adão desempenha um papel importante, sendo descrito como inventor da linguagem.

Os trabalhos dos autores

Em sua obra *O Leviatã* (1999), Hobbes apresenta o conteúdo dos capítulos em partes determinadas, como no capítulo um, em que aborda as sensações. No entanto, os capítulos quatro e seis discorrem sobre o estudo da linguagem, abordando a origem dos movimentos voluntários, vulgarmente chamados de paixões, e da linguagem que os exprime. O capítulo sete, por sua vez, retrata os fins ou resoluções de um discurso. Retornar-se-á a eles mais adiante.

Rousseau ao escrever as obras *Do Contrato Social e Ensaio Sobre a Origem das Línguas* (1999), fala sobre a origem das línguas em geral. O filósofo explica como e o porquê as línguas e suas variedades foram criadas, a partir da necessidade humana, além de apresentar aspectos da comunicação e sua importância para os homens. Já em o *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens* (1755), ele descreve o processo de desigualdade entre os homens já no estado de natureza e explica como esses fatores de desigualdade influenciam no modo de agir humano, tornando a própria linguagem um fator que distingue as relações entre as pessoas.



Chauí aborda em seu livro *Convite à Filosofia* (2012) diversos assuntos separados em unidades e capítulos. Para essa pesquisa, foi utilizado o capítulo 4, que pode ser encontrado na Unidade 5. A autora, nesta parte da obra, discute sobre a linguagem, relacionando-a com mito, religião, entre outros assuntos.

Merleau-Ponty, (*apud* HUSSERL, 1975) em seu livro *Textos Escolhidos* (1975), descreve sobre os mais variados assuntos. Ele apresenta um vasto e amplo capítulo denominado textos sobre linguagem, que serviu como suporte teórico para esta pesquisa.

Origem da linguagem

Ao pesquisar sobre a origem ou o início da linguagem constata-se que veio, em parte, da grande necessidade de comunicação do ser humano com seus semelhantes. A necessidade de lembrar como as realidades passadas sucederam, seja as próprias ações humanas ou as naturais e mesma as sobrenaturais. Marcar um ponto referencial para explicar a origem de cada um dos objetos ou entes existentes frente ao ser humano, objetos estes que podem ser reais: materiais, ou ideais: abstratos. A intransponível barreira de vencer os desafios que a natureza impunha ao humano cotidianamente fez dar início a uma convivência em sociedade.

Percebe-se que desde os primórdios da humanidade a linguagem faz parte do existir e do agir humano. A necessidade gerada pelo desejo do homem de se comunicar, mesmo que de uma maneira arcaica e rudimentar, serviu na prática para a resolução de problemas diários. Tais necessidades foram satisfeitas por movimentos gestuais e pelo som da voz. Seja na tentativa de imitar o movimento dos objetos e entes ou na tentativa de reproduzir o barulho, isto é, o som que emitiam.

O vento ao soprar, o eco em determinados lugares, ou mesmo o som produzido pelos animais, foram imitados pelos humanos, na tentativa de pedir algo a outra pessoa ou mesmo avisá-lo de algum perigo. Dessa forma, segundo Rousseau (1999, p. 251) “A necessidade de comunicar-se com o semelhante pode ser satisfeita tanto pelo movimento (gesto) quanto pela voz (palavra), mas a comunicação sonora não se impõe forçosamente”, visto que foi um processo de evolução. O substrato daquela experiência primordial está na base da linguagem e da comunicação nos dias de hoje.



Com o passar do tempo e com a evolução, o homem procurou desenvolver e aperfeiçoar “ferramentas” que o auxiliasse a recordar-se de acontecimentos passados, de sua história, ou de histórias que aconteceram em outros locais. De todas as invenções humanas, a mais útil e eficaz foi a linguagem. Ao entrar em contato com outros povos, foi possível notar que havia línguas diferentes com enormes variações de som e pronúncias. Com a linguagem, foi permitido nomear os homens, os animais, as plantas e toda diversidade de seres e objetos existentes.

Hobbes (1999, p. 43) afirma que o primeiro autor da linguagem foi Deus: “o primeiro autor da linguagem foi o próprio Deus, que ensinou a Adão a maneira de designar aquelas criaturas que colocava à sua vista, pois as Escrituras nada mais dizem a respeito”. Localiza-se neste plano de pensamento, a afirmação de Comenius, (2001, p. 22) ao assegurar que o homem “é criatura racional quer dizer que observa, dá o nome e se apercebe de todas as coisas, isto é, que pode conhecer e dar um nome a todas as coisas deste mundo e entendê-las, como é evidente (*Gênesis*, 2, 19)”.

Outra possibilidade para descrever a origem da linguagem é atribuída aos mitos. Eles nada mais são que uma forma de narrativa de uma determinada cultura, que busca explicar a origem das coisas, desde fenômenos da natureza, dos objetos e até das ações humanas. O mito tem poder de ditar a maneira como o ser humano vai agir. Um exemplo são os ritos que põem em práticas os rituais míticos.

Assim sendo, o mito nada mais é que uma forma de linguagem criada para expressar o que os homens acreditam ser a origem das coisas. De acordo com Marilena (2012, p. 186), “quanto mais forte fosse o mito, mais força teria a linguagem. Podemos avaliar a força da linguagem tomando como exemplo os mitos e as religiões”. Nesta dimensão, tanto o mito quanto a religião tem poder criador pela linguagem. À medida que a linguagem entra em exercício, os entes tomam existência.

Formas e distinções da linguagem

O uso da linguagem consiste em passar do plano do pensamento para a fala. Falar o que está pensando exercita o ato da comunicação por meio da linguagem. Este movimento tem duas utilidades: uma consiste no fator de registrar as consequências na dimensão do



pensamento; a segunda persiste em trazer a tona o conteúdo que é registrado no pensamento, ou seja, o fato de falar, de dizer a outros o que está pensando. Neste sentido, ela serviu para a recordação das consequências de causas e efeitos. Por exemplo, através da criação de nomes e suas conexões com os entes ou pessoas.

O ato de nomear, isto é, a ação criadora de nomes e suas formas de conexão com a realidade, permitiu, o que na linguagem lógica, identifica-se a partir de duas categorias nominais: de um lado os universais e de outros os próprios. Os universais, de antemão, tem uma maior extensão e são dados a vários entes, de acordo com suas semelhanças e características. Já os nomes próprios são dados aos objetos e fenômenos específicos que reduzem sua amplitude, colocando numa dimensão única. Isso não significa que a categoria de nomes próprios não possa identificar mais de um objeto com sentido ambíguo. Por exemplo: “a estrela brilhou ontem à noite”. Precisar-se-á de algum complemento que circunstancie o termo próprio que é “estrela”, pois o autor da expressão poderá estar se referindo ao show musical, ou a algum tipo de esporte, onde uma dada pessoa é tomada como estrela: sentido analógico e nada tem a ver com o astro celeste, a não ser o da analogia.

Com isso, é de supor que a primeira manifestação da linguagem é a figurada. Porém, seu sentido próprio é encontrado posteriormente. Primeiro vem o ato da nomeação, isto é, dar um nome a um objeto determinado quando ele é aceito e visto em sua forma real, concreta. A partir dessa forma de compreensão, a linguagem é um instrumento capaz de externalizar o conteúdo do pensamento, podendo exercer o papel fundamental de ligar o conteúdo pensado às diversas formas de comunicação, utilizando dos meios e recursos disponíveis para tal finalidade.

A linguagem é composta não apenas pela fala, por meio da voz, mas também por gestos, que completam os gestos da comunicação. A linguagem gestual se manifesta, aparentemente, mais fácil, pois um grande número de objetos impressiona mais os olhos do que os ouvidos, apresentando assim, uma variedade maior de figuras do que de sons. Dessa forma, ela se torna mais expressiva, pois quem a utiliza diz muito em pouco tempo. O sinal diz tudo antes que se ouça algo.

Neste contexto, Rousseau (1999, p. 261) salienta que os “gestos falam mais aos olhos muito melhor do que aos ouvidos”. O autor exemplifica este argumento referindo-se aos mensageiros nas Índias, que conseguiam tratar de negócios publicamente, sem que ninguém



percebesse e sem pronunciar uma única palavra, apenas segurando a mão um do outro e modificando as pressões exercidas nelas.

De todas as linguagens, as exclamações mais vivas são as mais inarticuladas, expressas através de gritos e gemidos. São vozes impactantes, mas que possuem uma extrema simplicidade. Sendo assim, à medida que a necessidade humana cresce, a linguagem vai evoluindo e mudando seu caráter, torna-se mais elaborada, comunica-se mais com a razão, restando apenas a precisão e a clareza.

Uma forma de aplicação da linguagem é a escrita, também utilizada para comparar e julgar a antiguidade das línguas, chegando à conclusão de que a escrita mais grosseira pertence à língua mais antiga. A escrita que deveria fixar a língua é, conseqüentemente, a que mais a altera, não modificando as palavras, mas sim seu gênio, sua expressão, colocando-os de lado para trazer uma maior exatidão. Rousseau (1999, p. 277) assegura que “dizendo-se tudo como se escreve não se faz mais do que ler falando”.

Os quesitos de verdadeiro e falso pertencem à linguagem, e não às coisas ou objetos em si mesmo. Logo, onde não se há nenhuma linguagem, não existe nenhum critério de veracidade ou de falseabilidade. Porém, de acordo com a abundância de linguagem adquirida pelo homem, ele vai se tornando mais sábio, sendo capaz de julgar. Neste interim, Hobbes (1999, p. 49) afirma que “se a linguagem é peculiar ao homem, então também o entendimento lhe é peculiar.” Isso significa que o humano pode julgar acerca do verdadeiro e do falso em seus processos linguísticos.

A forma de linguagem pela qual os homens expressam sua opinião quando algo é excelente ou louvável, passa pelas dimensões de poder, grandeza e exaltação. Outra dimensão é a expressão de desejar, que de certa forma, concretiza no amor e no outro extremo e o ódio pelas coisas às quais sentem aversão, isto é que não desejam.

Mas, o que mais distingue as línguas é o seu local de origem, pois elas resultam do clima em que nascem e da maneira que são formadas, diferenciando-se assim uma linguagem com origem no Sul de uma com origem no Norte.



A vida em sociedade

No estado de natureza os homens viviam separados uns dos outros e só com o passar do tempo foi organizando uma vida mais em sociedade. De início, estava abandonado a mercê da própria sorte, sendo constantemente testado e selecionado pelas leis da selva, seja pela falta de alimentos ou por animais predadores, que também dividiam espaço com os humanos. Também por sua falta de capacidade, força e agilidade, estavam mais sujeitos apenas aos seus instintos. Começou pelas funções puramente animais e só posteriormente foi desenvolvendo as referentes a humanidade em si. Porém, há que ressaltar e evitar o erro de confundir o homem selvagem com o homem dos tempos modernos.

Mas, como o homem poderia conhecer e obter algum progresso espalhado na natureza como animais? Ele necessitava de um meio que o unisse aos outros homens. O resultado dessa busca resultou na linguagem, o que tornou possível passar das ideias à fala, estabelecendo uma comunicação mais íntima ao utilizar as primeiras palavras. A natureza se encarregou de juntar os homens com base em suas necessidades, uma vez que não era suficiente. Preparou, dessa forma, o início da sociabilidade. Entretanto, perceberam logo que seria mais vantajoso permanecerem juntos uns aos outros onde seriam mais organizados e preparados para enfrentar os perigos que os rondavam, além de conseguirem suprir suas necessidades básicas.

Percebe-se que sem as múltiplas necessidades o ser humano não teria desenvolvido a linguagem. E, sem a linguagem, o homem não teria iniciado sua socialização com outros homens. O que seria dos homens entregues a sua natureza animalesca? Certamente não teriam organizado a forma de vida em sociedade.

Na visão rousseuniana, a sociedade surgiu quando um homem quis apropriar-se do que era comum e transformar em propriedade privada. Ao cercar, de alguma forma, uma parte de terra, disse que aquela propriedade he pertencia e encontrou pessoas suficientemente ingênuas que lhe deram credito. Seguindo seu exemplo, também cercaram para si outras glebas. Assim, o homem passou a temer por sua segurança e a de seus bens. Viu-se indefeso diante da multidão despossuída, forçando-o a procurar meios que o permitisse se defender. Encontrou armas na própria natureza que em suas mãos foram-lhes



muito úteis. Os galhos de árvores e as pedras formavam um conjunto de instrumentos de sua defesa.

Por meio de pactos a sociedade foi se consolidando cada vez que o ser humano se reunia com seus semelhantes em um determinado local e passavam a ter uma convivência diária. Após a formação da sociedade, os homens começaram a constituir famílias, uma vez que, antes do pacto social, o ser humano vivia em bando como animal gregário. Porém, a ideia de famílias constituídas de um núcleo composto de um homem, uma mulher e a prole, é mais tardia. Isso possibilitou uma vaga ideia de como o uso da palavra se estabeleceu e se aperfeiçoou em cada família, cada causa particular aumentando a linguagem e acelerando seu processo, tornando-a ainda mais necessária na sociedade.

Desigualdade

Ao notar os animais, percebe-se que são engenhosos feitos pela natureza, que deu a eles sentidos para recomporem-se e para se defenderem ao serem acuados. Alguns filósofos chegam a afirmar que existe uma maior diferença entre um homem e outro, do que de um certo homem para uma certa besta. Após o homem perceber a diferença que o torna desigual ao outro ainda no estado da natureza, teve início o processo e o desenvolvimento sucessivo do espírito humano que o tornou mais exigente.

Através da palavra houve uma distinção dos homens com os animais. A linguagem, ou mais apropriadamente, a língua falada pelas nações, é um fator muito peculiar que as distinguem e identificam. Não é possível saber de onde um homem é, antes que o mesmo tenha falado algo, pois por sua linguagem pode ser identificado. O uso e a necessidade da comunicação levam as pessoas a aprenderem a língua de seu país, fruto do processo de socialização.

Constata-se a partir do conhecimento atual, que a aquisição de processos e encadeamentos de ideias só é capaz pelo aperfeiçoamento sucessivo que os processos linguísticos passaram. Tudo isto está completamente fora do alcance do homem selvagem, devido a sua falta de comunicação com seus semelhantes, isto é, pela falta de instrumentos que servissem e ampliassem os recursos de comunicação. A partir disso, as necessidades imediatas tornaram a comunicação algo indispensável para os homens. Nota-se que uma das



diferenças do homem selvagem para o homem moderno é que o homem selvagem não possuía meio de comunicação algum e vivia separadamente de seus iguais, já o homem moderno possui vários meios e recursos de comunicação e vive em uma sociedade por meio dos pactos que foram estabelecidos no decorrer dos tempos.

Nesta perspectiva, pode-se constatar que a sociedade humana é responsável pela desigualdade que os homens passam em função da diferença de línguas e linguagens. No entanto, cada ser humano também é responsável por essa tamanha desigualdade, ao acreditar que sua língua, por ser mais recente, ou mais completa e eficaz, é melhor ou superior à língua de outro povo, constituindo assim, um etnocentrismo.

Mito, religião e linguagem

Como dito anteriormente, o mito nada mais é do que uma narrativa de caráter unicamente simbólico, relacionado a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar a origem das coisas que acontecem em determinada sociedade, desde fenômenos da natureza e objetos criados até ações humanas.

O mito tem o poder de ditar a forma como o ser humano vai agir. Um exemplo é o rito. Ele é o modo de se pôr o mito em prática na vida do homem, por meio de determinados rituais: seja em danças, orações e outras cerimônias. Como se percebe, o mito e o rito estão fortemente associados com a linguagem, que somando ao poder religioso basta o pronunciar de algumas palavras para os entes terem existência. A força da linguagem pode ser avaliada de acordo com o mito e com a religião. O local onde há a existência de muitos mitos e a presença religiosa é forte, também é forte a linguagem que influência nas formas de transmissão, sobretudo, oral.

Os mitos narrados em momentos especiais, considerados sagrados, são mais do que uma narrativa pura e simples. Eles têm a força suscitadora que leva os homens a organizarem a realidade em que estão inseridos, conforme a orientação mítica das palavras ditas.

O poder envolto ao mito é grande, pois ele tem força criadora. À medida que as palavras míticas são pronunciadas, os objetos ditos vão ganhando existência. Os textos criacionistas (também chamados mitos cosmogônicos judaicos) no livro de Gênesis, na Bíblia Judaico-Cristã e o prólogo do evangelho de João, refletem esta realidade, onde Javé-Deus cria



o mundo do nada, apenas usando a linguagem, isto é, a palavra: “E Deus disse: Faça-se!” e foi feito. Como dito acima, ao dizer uma palavra mítica ela tem a força criacionista, por isso, foi feito, ou seja, foi criado, pois a palavra tem aqui a força criadora.

O mito é narrado por uma pessoa de grande influência e importância na comunidade ou sociedade. O mito, por ser de realidade sagrada é sempre crível, ou seja, nunca pode ser colocado em dúvida. Os créditos são resultados por dois motivos principais: o mito em si, que é produto do divino, portanto, sagrado; a pessoa narradora, pois esta também pertence, de alguma forma, a realidade sagrada. Neste sentido, o que ela narra tem a confiança dos ouvintes, aceitando a verdade naquilo que ela diz. Parafraseando essa circunstância, Hobbes (1999, p. 69) assegura que: “aqueles que acreditam naquilo que um profeta lhes diz em nome de Deus aceitam a palavra do profeta, honram-no e nele confiam e creem, aceitando a verdade do que ele diz, quer se trate de um verdadeiro ou falso profeta”.

A utilização do mito como uma forma expressa de linguagem foi importante na sociedade humana. Ele ajudou a consolidar uma maneira fácil e convincente de explicar aos homens a origem dos diversos objetos e realidades com as quais lidavam cotidianamente. Com a ajuda do mito, a religião passou a se tornar um instrumento de grande importância para a linguagem, pois lado a lado com o mito, ela ajudou a linguagem a se consolidar e ser uma ferramenta de extrema importância entre os homens.

Percebe-se que o homem sempre buscou algum tipo de orientação, fosse o homem selvagem, que utilizava da natureza para se guiar, ou mesmo o homem moderno, que utiliza de outros meios. Após a criação e o desenvolvimento da linguagem, ele passou a se relacionar com os outros mais estreitamente na vida em sociedade. Ainda em um período longínquo necessitou de algo mais sagrado. Criou algumas religiões primitivas que cultuavam os fenômenos naturais, como o relâmpago, as florestas, as cachoeiras, por exemplo. Dessa maneira, a religião também foi uma ferramenta de extrema importância para o desenvolvimento da linguagem, que facilitou ao homem lembrar de fatos históricos e de aproxima-lo mais a seus semelhantes



Filosofia e linguagem

Na busca de esclarecimento para as dúvidas que surgem como resultado do humano ser pensante, isto é, racional, utiliza-se da filosofia como uma ferramenta para tentar encontrar as respostas desejadas. Realizando uma abordagem filosófica dos assuntos que requerem as respostas, cada ser pensante pode utiliza-la para ajudá-lo em sua busca por novos conhecimentos. Já assegurava Heráclito (1999, p. 99) ao dizer que “comum é a todos o pensar”.

A filosofia busca estudar dentre outros assuntos àqueles mais ligados aos seres humanos. Por exemplo, na filosofia política, a origem da sociedade. Na antropologia filosófica, os aspectos do homem. Entretanto, é a filosofia da linguagem que se debruça sobre os aspectos da linguagem em si. Com base nas discussões de Chauí (2012, p. 188) “durante muito tempo a filosofia preocupou-se em definir a origem e as causas da linguagem”.

O estudo da linguagem nos faz compreender com mais facilidade o que ela é e representa para o ser humano. Com a grande variedade de línguas, as especificidades são explícitas. Cada uma é importante sem prejuízos para as demais, por ser parte constitutiva de um dado povo ou nação. As diferenças entre as línguas constituem o interesse em ser estudada. Também pode ser o que diferencia o ser humano de seus semelhantes, baseado na afirmação de Rousseau (1999, p. 251) “eis porque o Ensaio se inicia assinalando que a linguagem diferencia o homem entre os seres vivos, enquanto os homens entre si se distinguem pela variedade das línguas”.

Ao estudar as línguas ou as linguagens, é preciso partir do passado, considerando seus processos de construção. A língua de um povo é resultado de vários momentos que constitui sua evolução. A língua é originada de um sistema complexo de signos ou de sinais utilizados de forma que indiquem objetos ou entes, para a facilitação da comunicação entre as pessoas. Por meio dela, as pessoas expressam suas ideias, valores e sentimentos. Então, por definição, diz-se que a linguagem é apenas um sistema de sinais de função indicativa, comunicativa, expressiva e conotativa.



Conclusão

Infere-se que a linguagem é construto social humano, e, portanto, cultural e histórica. Ao pender para os estudos de Rousseau a humanidade iniciou o processo de comunicação em ilhas e não com as comunidades que viviam e povoavam as regiões continentais. Em ambos os estudiosos pesquisados percebe-se que ela é fruto de necessidades diárias que as pessoas tinham. Porém, com a linguagem e a comunicação foi possível aos homens dar passos que os outros animais não conseguiram dar. Tornaram-se senhores de todos e submeteram-nos ao seu domínio domesticou a muitos e transformou-os em força de trabalho, como animais de tração.

Com o passar dos tempos e a dispersão da humanidade nas diferentes regiões geográficas, percebe-se uma grande variedade de línguas. Todas elas com variantes próprias de forma a individualizar-se como fator cultural daquela nação. Entretanto, os indivíduos que compõem tal sociedade aprende a comunicar-se quase que de forma natural por seus familiares ou cuidadores. É evidente que as regras e normas gramaticais dependem de mecanismos e estudos que só oportunamente por meio da educação formal irá acontecer. Optou-se por não abordar neste ensaio os meios e mecanismos de comunicação social, objetos de outro trabalho.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem*. Tradução de Suzana Kampff Lages e Ernani Chaves. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2013.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2012.
- COMENIUS, João Amos. *Didática Magna*. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Versão para eBook eBooksBrasil.com: Copyright, © 2001.
- HERÁCLITO. *Os Pré-Socráticos*. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Nova Cultura, 1999.
- HOBBS, Tomas. *O Leviatã*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo, Nova Cultura, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Textos Escolhidos*. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck, Nelson Alfredo Aguilar, Pedro de Souza Moraes e Gerardo Dantas Barreto. Editora: Abril Cultural, 1975.
- ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Discurso sobre a origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. Tradução



29, 30 e 31 de maio de 2017

Centro Universitário de Mineiros – Unifimes

de Lourdes Santos Machado. v. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Do Contrato Social. Ensaio Sobre a Origem das Línguas*. Volume 1. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Dos autores

É acadêmico do quarto período do Curso de Direito. luiz.teodoro.melo@hotmail.com

É professor adjunto e diretor de pesquisa da Unifimes. Pesquisador cnpq no grupo NEPEM-Unifimes. profelenoaraujo@outlook.com



II Colóquio Estadual de
Pesquisa Multidisciplinar